

O Gauchismo em evidência: Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Catarina (1959-1997)

..... Emerson César De Campos*

"Não acredito, não tem mistério, se o velho é novo, o novo é velho."
(Alceu Valença)

R e s u m o

Neste artigo é discutido o tradicionalismo gaúcho e sua presença em Santa Catarina entre 1959 e 1997.

Palavras-Chave: Gaúcho, Tradicionalismo, CTG

A b s t r a c t

In this article is discussed the *gaucho's* traditionalism and its presence in Santa Catarina between 1959 and 1997.

Key words: Gaucho, Traditionalism, CTG.

Utilizado de modo bastante genérico e quase sempre para designar aquelas pessoas nascidas no Rio Grande do Sul, o termo, ou a categoria, *gaúcho* sofreu ao longo dos dois últimos séculos, uma série de inovações, no âmbito cultural e sócio-econômico. Sendo assim, o termo chega hoje, até nós, com uma razoável carga de conceitos e valores simbólicos, com uma iconografia proeminente, mostrando-se não como uma categoria vazia de significado, mas, sim, cheia de possibilidades de significações, transformando-se em consistente subsídio para diferentes atores sociais no exercício de suas práticas.

Pensar o *gaúcho*, hoje, traz consigo algumas implicações. "Não é fácil estabelecer o estatuto das discontinuidades para a história em geral (...) bem como o fato de que em alguns anos, por vezes, uma cultura deixa de pensar como fizera até então e se põe a pensar outra coisa e de outro modo"¹. O caráter estigmatizado que hoje ele possui, onde se destacam a indumentária, o apego a práticas campeiras e ao cavalo, o sotaque, o chimarrão, a valentia, a coragem, entre outras atribuições, sofreu, ao longo dos últimos dois séculos, inovações, interdições e rupturas.

* Graduado em História na Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutorando em História na Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Professora Doutora Maria Bernardete Ramos Flores.

¹ FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p. 65.

O gaúcho, hoje entendido como aquele que, independentemente do local de nascimento e moradia, se interessa pela preservação, divulgação e vivência da cultura do homem ligado a práticas campeiras, desenvolvidas primordialmente na região onde se foi definindo a fronteira² sul dos domínios portugueses e espanhóis na América, em sua versão mais elaborada e expansiva, se tornou um “estado de espírito”³. Este gaúcho, portanto, possui, atualmente, um sentido desvinculado de quaisquer territorialidades⁴. Sendo assim, nesta perspectiva, podemos encontrar gaúchos no Nordeste Brasileiro, no Sudeste Brasileiro ou até em outras regiões, países e continentes.

Responsável pela divulgação e preservação do gauchismo, o Movimento Tradicionalista Gaúcho se inicia no Rio Grande do Sul, quando em 1948 é fundado em Porto Alegre o “35 CTG”. Constantemente confundido como o tradicionalismo em si, o CTG, em realidade, a partir de sua fundação, tem se mostrado como principal ferramenta ou dispositivo através do qual o gauchismo se expande. Os CTG’s, pensados como algo estreitamente ligado àquilo que Hobsbawm chama de tradição inventada, “estabelecem uma continuidade com um passado histórico apropriado”⁵. Então, uma vez estabelecido a partir do Rio Grande do Sul, o movimento tradicionalista gaúcho, através dos CTG’s, rompe as fronteiras, em sentido mais amplo da palavra, do Rio Grande do Sul, chegando em outras regiões, como Santa Catarina.

O tradicionalismo gaúcho, de modo mais apurado e representado pelos CTG’s, chega em Santa Catarina na década de 1950, onde é fundado, em 1959, o primeiro Centro de Tradição Gaúcha no Estado, com o nome de Porteira Aberta, localizado na cidade de São Miguel do Oeste, e em atividade até hoje. Logo após, em 1960, é fundado em Lages o CTG Planalto Lageano, seguido em 1962 pelo CTG Minuano Catarinense, da cidade de São Joaquim. Desde então, o Movimento Tradicionalista Gaúcho vem-se configurando em um dos fenômenos sócio-culturais mais proeminentes em Santa Catarina, principalmente nos últimos 10 anos⁶.

Os CTG’s possuem um estrutura bem determinada. Com o perfil de sociedade civil sem fins lucrativos, eles têm sua organização interna semelhante a de uma estância.

² Sobre o caráter fronteiro do Rio Grande do Sul e a atribuições a ele ligadas ver: NEVES, Gervásio Rodrigo. **Fronteira Gaúcha (fronteira do Brasil com o Uruguai)**. Belo Horizonte: UFMG, 1976. Dissertação de Mestrado. Uma análise elaborada do ponto de vista da antropologia social pode ser encontrada em: FONSECA, Claudia (org.). **Fronteiras da cultura: horizontes e territórios da antropologia na América Latina**. Porto Alegre: UFRGS, 1983 e OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo**. Petrópolis: Vozes, 1992.

³ São inúmeras as referências onde este propagado estado de espírito aparece. Como, por exemplo, a citação feita por Moacir Claudio Conrad, 42 anos, comerciante e tradicionalista em entrevista concedida ao autor e a Luiz Felipe Falcão, na cidade de São José, em 06/12/95: “Tu identificas um gaúcho de longe. Gaúcho é um estado de espírito. Sou gaúcho de Florianópolis”. Ou ainda em jornais próprios do movimento como o Buenas Chê, da cidade de Blumenau, onde se lê: “Ser gaúcho é um estado de espírito, não se nasce gaúcho, torna-se gaúcho”. JORNAL BUENAS CHÊ. Blumenau: Buenas Chê, Abril de 1996, p. 12.

⁴ Para um estudo interessante acerca de novas territorialidades, ver: HAESBAERT, Rogério. “Gaúchos” e baianos no “Novo” Nordeste: Entre a globalização econômica e a reinvenção das identidades territoriais. IN: CASTRO, Iná Elias e GOMES, Paulo César da Costa (orgs.). **Brasil: questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

⁵ HOBBSBAMW, Eric e RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9

⁶ Em periodização por nós desenvolvida, através de dados obtidos em entrevistas e na sede do movimento tradicionalista gaúcho em Lages, pode-se constatar: 1959-1975: implantação do movimento no estado; 1975-1985: organização em nível estadual; 1985-1996: crescimento de grandes proporções (massivo).

A direção geral é do patrão (presidente), normalmente o dono da fazenda⁷, seguido pelo capataz (secretário), o sota-capataz (tesoureiro) e agregados (cargos de confiança da patronagem, comprometidos normalmente com as festas e as relações públicas do CTG). A patronagem é eleita pelos membros filiados ao CTG, com mandato de dois anos. Existe, na maioria dos CTG's, o chamado Conselho de Vaqueanos, espécie de Conselho Deliberativo, composto pelos tradicionalistas mais antigos, conferindo apoio e endosso maior às decisões da patronagem. Suas atividades se inserem em duas grandes áreas (invernadas): Campeira e Artística. Existe patrão para cada uma das invernadas e as prendas e peões (participantes que não integram à patronagem, considerados a base do movimento) se distribuem conforme suas afinidades, pelas duas invernadas.

Geralmente um CTG, ao ser fundado, possui uma estrutura mais simples, se compondo apenas da invernada campeira e uma muito discreta invernada artística. Em realidade, existe, segundo nosso levantamento, três tipos de CTG's. Um primeiro conhecido como de comunidade, com organização parecida com um clube recreativo, com vistas a um envolvimento maior das pessoas com o CTG, sejam estas tradicionalistas ou não. Um segundo tipo é o familiar, que de propriedade do patrão, busca promover encontros entre amigos e parentes nos fins de semana e feriados. O terceiro e último tipo é aquele considerado pelos tradicionalistas como especulativos⁸, ou seja, destinado única e exclusivamente à obtenção de lucro com a organização de bailes e fandangos, e que não são reconhecidos pela entidade fiscalizadora no Estado, o MTG-SC. Parte de uma organização maior, os CTG's encontram-se vinculados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho de Santa Catarina (MTG-SC), com sede no Parque Conta Dinheiro, na Cidade de Lages, que fiscaliza, disciplina e estabelece regras aos CTG's, auxiliado por seus coordenadores, dispersos nas 13 regiões tradicionalistas⁹ em que o Estado se encontra dividido¹⁰.

Estabelecendo vínculos e unidades (CTGs) em todas as regiões do estado, o tradicionalismo gaúcho vem agregando, em torno de seus eventos, rodeios, jinetiadas, bailes, concursos, churrascadas e outros, um número de pessoas superior àquele encontrado em outras atividades como jogos de futebol, festas religiosas ou carnaval. Em março de 1996 existiam em Santa Catarina 375 entidades tradicionalistas oficializadas, sendo 368 CTG's e 7 associações de caráter cultural, com um número de sócios regularmente inscritos que ultrapassa a 15.000 pessoas¹¹. Estes números se tornam mais expressivos quando comparados ao de 291 municípios existentes no estado no mesmo período¹². Algumas cidades catarinenses possuem um número maior de CTG's do que de agências bancárias, correios e livrarias, ou ainda de teatros e cinemas.

As evidências apontam para um fenômeno sócio cultural complexo, que em muito

⁷ O termo fazenda aqui, anteriormente e posteriormente, é utilizado como equivalente à estância.

⁸ Segundo os tradicionalistas, estes tipos de CTG's "não se criam" devido à rígida fiscalização do MTG-SC.

⁹ Regiões estas divididas conforme critérios próprios do movimento e de acordo com sua conveniência. Para uma discussão mais elaborada da idéia de região ver: BORDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. p. 107 e seguintes.

¹⁰ Fonte obtida nos arquivos do MTG-SC, em Lages S.C.

¹¹ Dados obtidos em pesquisa realizada na sede do movimento, na cidade de Lages.

¹² Conforme dados obtidos na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina.

extrapola relações diretas com os vínculos com práticas campeiras ou referências culturais do Rio Grande do Sul. A oferta, por parte do tradicionalismo, de uma vivência social onde determinadas referências culturais (lealdade, respeito, disciplina) supostamente não sejam ameaçadas por um mundo hostil, aquele vivido fora do tradicionalismo gaúcho, têm se mostrado tão importantes no crescimento do número de adeptos do tradicionalismo, quanto aquelas referências mais diretas, geralmente apontadas como fatores exclusivos da expansão tradicionalista em Santa Catarina. Desta forma, o tradicionalismo, enquanto tradição inventada, se mostra como “o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar, de maneira imutável e invariável, ao menos alguns aspectos da vida social”¹³.

A diversidade cultural¹⁴ presente em Santa Catarina tem sido permeável à expansão tradicionalista. É inegável a forte penetração social que o gauchismo alcança no estado. Mesmo frente à diversidade estadual, o tradicionalismo se expande praticamente da mesma maneira e sob os mesmos princípios¹⁵, ignorando a pluralidade cultural existente, e mais ainda os conflitos¹⁶, os campos de disputa e luta que dali surgem.

Em análise mais elaborada, se pode desconfiar, de modo incisivo, quanto ao comportamento homogêneo que o tradicionalismo diz ter em sua expansão por Santa Catarina. Segundo Hobsbawm, “as tradições inventadas têm funções políticas e sociais importantes e não poderiam ter nascido nem se firmado se não as pudessem adquirir”¹⁷. Assim, em um dos artigos que constituem o Estatuto do MTG em Santa Catarina, entre outros objetivos traçados por aquela entidade, pode-se encontrar o seguinte: “Fazer, de cada CTG, um núcleo transmissor da herança social e, através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais, etc.; criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para reação em conjunto frente aos problemas comuns”¹⁸. Estas funções políticas e sociais apontadas por Hobsbawm são, em realidade, fatores relevantes na expansão tradicionalista nas diversas regiões onde ela se encontra. O tradicionalismo gaúcho, em sua tentativa de instalação e auto-afirmação social, vem conseguindo explorar “práticas claramente oriundas de uma necessidade sentida, não necessariamente compreendida todo, por determinados grupos”¹⁹.

¹³ HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 10.

¹⁴ A discussão, de modo específico, da pluralidade cultural catarinense, extrapola este texto. Entretanto, boas comprovações podem ser encontradas em: FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Teatros da vida, cenários da história: a farra do boi e outras festas na ilha de Santa Catarina*. São Paulo: PUC, 1991, Tese de Doutorado. Ainda: ARAÚJO, Hermetes Reis. *A Invenção do Litoral*. São Paulo: PUC, 1989. Dissertação de Mestrado.

¹⁵ Princípios estes determinados pelos Estatutos de cada CTG, que em quase nada diferem daquele estabelecido pelo MTG-SC.

¹⁶ É acentadamente conflitante a experiência vivida, ou ao menos desejada dentro de um CTG, com aquela em que se vive fora dele. As tensões sociais presentes já quando da chegada do tradicionalismo, são por ele ignoradas, absorvidas, ou combatidas conforme o que melhor convenha ao movimento. Sendo assim, não é difícil encontrar resistências quanto à discussão de temas relevantes e presentes na sociedade brasileira em geral e na catarinense de modo particular, tais como reforma agrária e relações de gênero.

¹⁷ HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). Op. Cit. p. 315.

¹⁸ Extraído do livro de estatutos e regulamentos publicado pelo MTG-SC, em 1995. Artigo VII, p. 16

¹⁹ HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). Op. Cit. p. 315.

Em perspectiva mais capilar²⁰, se pode dizer que o gauchismo se infiltra no solo sócio cultural onde se instala, dificultando desta forma uma delimitação de seus limites e influências, quer sejam estas culturais, políticas ou econômicas.

Porém, esta complexidade do tecido social pode ser mais inteligível na medida em que se busque identificar os dispositivos e as práticas sociais do tradicionalismo, encontrados, por exemplo em declarações como a empreendida por Oscar Giaretta, empresário, 48 anos, ex-patrão do CTG Os Praianos, quando diz que "(...) o movimento é forte, as pessoas que o dirigem estão numa vitrine (...) pois um patrão geralmente possui um certo status e posição social definida(...) e pautando-se em valores para nós muito presentes, como a família, lealdade, honra e respeito entre as pessoas, uma vez que aqui não existem drogas, a luz é acesa, etc... o tradicionalismo segue crescendo" ²¹.

De outro modo, seria interessante pensar em que esfera social o tradicionalismo atua quando de sua instalação nas diferentes cidades e regiões catarinenses. Segundo Hannah Arendt, o que hoje concebemos por social, modernamente não ascende nem do público, o espaço onde os homens se expõem, nem do privado, o espaço da intimidade, mas sim de uma condição humana de se estar junto a outros, sendo que "com o surgimento das sociedades de massas, a esfera social atinge finalmente o ponto em que abrange e controla, igualmente e com igual força, todos os membros de determinada comunidade"²². Neste sentido, podemos pensar o social, operacionalizado pela necessidade de se estar juntos, por uma condição humana como mostra Arendt, como o espaço no qual se arma uma rede, costurada por fios de interesses e vontades, tornando-se cada vez mais difícil identificar onde se localizam, nele, as esferas pública e privada, tamanha a sua difusão e a permeabilidade.

É neste espaço social difuso, nesta rede social tramada por interesses que o tradicionalismo gaúcho se insere, e onde público e privado encontram uma "fluidéz"²³. Desta forma, nesta trama social, de modo algum perfeitamente delimitada, a participação tradicionalista encontra-se diluída não somente nos setores em que, de modo mais direto e freqüente, são associados e atribuídos como próprios do movimento, tais como a participação em eventos artísticos, através das invernadas²⁴, ou mesmo em programações de caráter mais específico como o dia do gaúcho ou as comemorações alusivas à Revolução Farroupilha, comemorada anualmente em quase a totalidade dos CTG's existentes. Ao contrário, o movimento tradicionalista vem sabendo aproveitar eventos e programações sociais alheias, a princípio, aos valores da tradição gaúcha, demonstrando trânsito social e êxito na divulgação do gauchismo. É bastante ilustrativo

²⁰ Como a idéia desenvolvida por Michel Foucault em relação ao sujeito e ao poder e suas múltiplas faces e penetrações. Quanto a isto ver especialmente: FOUCAULT, Michel. **EL sujeto y el poder**. México: Instituto de Investigaciones Sociales – ISS, 1988. Também: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

²¹ Entrevista concedida ao autor em 18/12/96, na cidade de São José.

²² ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. p. 50

²³ Expressão utilizada por: PEDRO, Joana Maria. **Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro, 1831-1889**. Florianópolis: UFSC, 1995. p. 45

²⁴ Artísticas ou campeiras.

o depoimento de Darci Pandini, patrão do CTG Porteira Getuliense, da cidade de Presidente Getúlio, Alto Vale do Itajaí, comerciante, 37 anos, quando afirma: “Somos respeitados, e nossa entidade é olhada com bastante seriedade (...) mesmo em festas estranhas ao movimento, não deixamos de participar e contar com o incentivo de toda a comunidade, inclusive à não-tradicionalista. Há seis anos participamos da Festa na Praça promovida pelo Lions (...)”²⁵. Esta associação com outras entidades e eventos é bastante presente atualmente no meio tradicionalista, sem distinção de cidade ou região catarinense²⁶.

Neste sentido, os CTG's, através de suas lideranças, peões, prendas e simpatizantes de modo geral, vêm participando ativamente do meio social onde se instalam. Para Marcio Oliveira, 20 anos, patrão do CTG Laço Aberto, empresário, residente em Laurentino, os CTG's extrapolam em muito as atividades inicialmente propostas a eles. Coloca-se como demonstração, pois, além de patrão, se encontra envolvido com a presidência da Câmara Júnior Municipal²⁷. Assim são várias as situações, eventos e instituições onde o tradicionalismo gaúcho se encontra representado. Os exemplos são inúmeros: Afonso Ribeiro Neto, um dos fundadores do CTG Barbicacho Colorado da cidade de Lages e membro Honorário do MTG-SC é presidente da Associação Latino-Americana de Pecuaristas; Araíde Odorizze, secretário do CTG Laço Getuliense é também presidente do CDL - Clube de Diretores Lojistas da cidade de Presidente Getúlio (Alto Vale do Itajaí); Francisco Schlager, patrão do CTG Velha Espora de Campos Novos, é delegado do sindicato rural do município junto à Federação da Agricultura de Santa Catarina na gestão 1994-1997; Fidelis Barata, empresário de Criciúma e patrão do CTG Pedro Raimundo, é também presidente do CDL local; e assim sucessivamente.

Então, uma vez diluídas na esfera social, as práticas tradicionalistas, com a penetração que possuem, contribuem de modo decisivo para torná-las mais difusas, reduzindo drasticamente a distância entre as esferas pública e privada²⁸. Conforme Habermas, “em uma sociedade cada vez mais diferenciada, um número cada vez maior de pessoas adquire direitos cada vez mais inclusivos de acesso a, de participação em, num número crescente de subsistemas”²⁹. Assim, se os tradicionalistas, os gaúchos em seu estado de espírito, desejam preservar algumas referências, como honra, lealdade, respeito, de outra forma não hesitam em reivindicar, para si, o direito de inclusão social num mundo não tradicionalista, como mostrado por Habermas.

O tradicionalista Luiz Fernando Arruda Piam, engenheiro, 35 anos, editor-chefe do jornal Buenas Chê da cidade de Blumenau, afirma: “Eu venho lutando para que os CTG's

²⁵ Entrevista concedida ao autor em 13/10/97.

²⁶ O jornal *Oi São José: O Jornal verdadeiramente josefense*, da cidade de São José, Maio de 1997, ano III num. 25, traz em manchete e em matéria principal da edição: “Mais de 100 mil pessoas visitam as dependências do CTG Os Praianos durante a realização da FEINCO – Feira da Indústria e Comércio.

²⁷ Segundo o próprio Márcio: “A Câmara Júnior não é Lions ou ROTARY. É uma Associação, uma escola de novas lideranças”. Depoimento concedido ao autor na cidade de Laurentino em 14/10/97.

²⁸ Característica esta, aliás, apontada por Hannah Arendt como reflexo da instalação da sociedade moderna, que tem o social politicamente representado pelo Estado Nacional Moderno. Ver: ARENDT, Hannah. Op. Cit.

²⁹ HABERMAS, Jürgen. Between facts and norms. Apud: PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **O público e o privado**. Artigo eletrônico: <http://www.mare.gov.br/Reforma/Papers/Bobbio1h.htm>.

convivam perfeitamente na sociedade. No meu jornal isto vem acontecendo. Afinal, quando acaba um rodeio, o mundo paralelo em que vivemos deixa de existir, e temos que voltar a falar a língua da sociedade onde estamos inseridos⁷⁰. Isto denuncia que, mesmo não conseguindo viver perfeitamente na sociedade, pois os conflitos são inúmeros, como, por exemplo os de gênero, étnico, social, político, fato ignorado ou ao menos assim representado por ele, é evidente a consciência que os tradicionalistas possuem da necessidade de interação social com o mundo, que em sua forma bruta, não é o seu. Assim, para que possa “falar a mesma língua”⁷¹ da sociedade na qual se insere, o tradicionalismo vem buscando, ao que tudo indica, na oferta de benefícios sociais oferecidos à comunidade em geral, uma forma que, se não é inovadora, posto que é uma prática bastante difundida por outras entidades, ao menos de ter êxito, aceitação e penetração social.

Desta forma, a fluidez das práticas tradicionalistas segue sua cavalgada a passos largos. O jornal Buenas Chê da cidade de Blumenau noticia: “Lions clube da cidade de Joinville e cavaleiros da noite (CTG Querência da Tradição) promovem a ‘Cavalgada da Arrecadação’ de alimentos para o natal das famílias carentes de Joinville”⁷². Em relação a este tipo de atividade, é elucidativa a declaração de algumas lideranças tradicionalistas, como Darci Pandini: “uma forma de honrar nossa bombacha é prestar à comunidade, em geral, auxílio aos seus problemas. Por isso promovemos eventos no CTG com a intenção de arrecadar fundos para ajudar entidades como APAES, Hospitais, Colégios e Igrejas, de quem também recebemos apoio”⁷³. Opinião esta que converge com o pensamento de Luiz Fernando Arruda Paim: “(...)Acredito que o CTG tem um papel social importante. As primeiras prendas, por exemplo, têm que fazer e já estão fazendo um papel social. (Devem) ir para os semáforos organizar pedágios em prol não do cavalo ou da vaca, mas sim em prol de um asilo, de crianças pobres, do natal de crianças carentes (...)”⁷⁴. E assim sucessivamente, o tradicionalismo cinge-se na complexa rede social que o absorve.

Vetada a participação política dos CTG’s em seus estatutos, em realidade suas práticas apontam para uma participação bastante ativa, inclusive com representantes na Câmara Federal, Assembléia Legislativa, inúmeras Prefeituras e Câmaras Municipais. Para Aurino Manoel dos Santos, 56 anos, comerciante do Mercado Público de Florianópolis, “se os empresários e o poder público não der uma força, a gente não se cria”⁷⁵. Ou ainda segundo Paim: “hoje nós comemos na mão dos políticos. As cartilhas do tradicionalismo proíbem o envolvimento dos CTG’s com política. Mas se não se envolver com política, não faz rodeio. Nós também devemos explorar os políticos”⁷⁶. Então, é bastante revelador encontrar nos arquivos do MTG-SC, em Lages, a concessão de verba de subvenção social fornecida pela Assembléia Legislativa de Santa Catarina⁷⁷. Verificar também que funcionários da

⁷⁰ Entrevista concedida ao autor na cidade de Blumenau, em 14/10/97.

⁷¹ Expressão utilizada por Luiz Fernando Arruda Paim, na entrevista citada.

⁷² **JORNAL BUENAS CHÊ**. Blumenau: Buenas Chê, Novembro de 1995, p. 8

⁷³ Entrevista concedida ao autor em 13/10/97.

⁷⁴ Entrevista concedida ao autor na cidade de Blumenau em 14/07/97.

⁷⁵ Entrevista concedida ao autor em 12/01/96.

⁷⁶ Entrevista concedida ao autor na cidade de Blumenau, em 14/10/97.

⁷⁷ Declaração de recebimento e aplicação de subvenção social, sendo o ordenador da despesa Deputado Pedro Bittencourt Neto ao CTG Porteira Cerritense com data de 13/06/94 no valor de NCz\$ 200.000,00 (moeda da época).

prefeitura de Otacílio Costa sejam pagos pelo município e colocados à disposição do MTG-SC; ou que ainda, em Ação Penal julgada pelo Tribunal de Justiça de Santa Catarina³⁸, o prefeito do Município de Piçarras seja condenado por dispor de verbas públicas e uso de automóvel da prefeitura, na participação de rodeios promovidos pelo MTG-SC em todo o estado. Deste modo, os tradicionalistas lutam para que "*sejam socialmente reconhecidos e politicamente providos de influência*"³⁹.

É bastante presente na sociedade brasileira, na qual a catarinense não é exceção, a idéia de que ao longo dos anos, diria desde o período colonial brasileiro⁴⁰, o poder público, e até mesmo uma esfera pública a ele relacionada, seja visto como uma instrumentalização do poder privado. É inegável a privatização do poder público, nas suas mais variadas formas, por outrolado, o poder privado ou a ampliação de uma esfera privada é também, sem dúvida alguma, um campo de conflito, de lutas vigorosas, como aquelas empreendidas pelo tradicionalismo gaúcho. Este é um movimento muito bem articulado, que engendra uma série de práticas sociais, mesmo que por vezes tenha que se associar a outras instituições, ou ainda, de outra forma desconsiderar ou repudiar outras manifestações sócio-culturais que não lhes sejam favoráveis.

O tradicionalismo gaúcho precisa ainda de muitas reflexões. Sua presença no estado pode contribuir para "*indicar problemas que de outra forma poderiam não ser detectados nem localizados*"⁴¹, pois, afinal, nos parece instigante "*sacudir a quietude com a qual aceitamos as coisas, mostrando que elas não se justificam por si mesmas*"⁴². Uma arqueologia criteriosa do Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Catarina tem ainda muitos fósseis a revelar, de modo a permitir uma melhor compreensão da sociedade catarinense e de seus conflitos. Finalizando e deslocando, em parte, a reflexão de Michel Maffesoli, ao tratar das possíveis e diversas solidariedades e afinidades cotidianas e anódinas, gostaria de lembrar que o Movimento Tradicionalista Gaúcho "*está aí, e de nada serve negá-lo, ou recusar sua existência ou amplitude, sob pena de sobressaltos, quando, pontualmente, suas manifestações fazem-nos lembrar dele*"⁴³.

³⁸ Conforme inquérito N.: 172, relator: Desembargador Nilton Macedo Machado, em 22/11/1993. Este e outros interessantes inquéritos relacionados ao MTG-SC podem ser encontrados no Departamento de Assessoria Jurídica do Tribunal de Justiça de Santa Catarina.

³⁹ HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. p. 50

⁴⁰ Sobre este tema, ver: FAORO, Raimundo. **Os donos do poder: formação do patronato brasileiro**. Rio de Janeiro: Globo, 1989. Numa outra perspectiva ver: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995. 139-153

⁴¹ HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). Op. Cit. p. 20

⁴² FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 29.

⁴³ MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 1995. p. 75.